A intencionalidade na linguagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva[1]

Cid Augusto da Escóssia Rosado[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Resumo

Este trabalho é uma reflexão acerca da linguagem do presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, como prática ideológico-social, a partir de críticas veiculadas na mídia. O objetivo da pesquisa, que tem como método a Análise do Discurso, é examinar se ao romper com a estrutura formal da Língua Portuguesa, Lula age de maneira inconsciente ou recorre intencionalmente a uma estratégia de manipulação ideológica que consiste na apropriação da fala cotidiana do cidadão comum para produzir nele, no outro a partir do outro, a sensação de proximidade com o líder e passar, de modo geral, a imagem de que o povo está no poder.

Palavras-chave: Lula; discurso; ideologia; mídia; poder.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é freqüentemente criticada pelo fato de romper com a estrutura formal da Língua Portuguesa. Mas será que os "erros" gramaticais cometidos por ele significam desconhecimento da norma ou representam um gesto intencional com vistas à dominação? Para refletir sobre essa questão e identificar a presença do "outro" na formação discursiva do presidente brasileiro desenvolveu-se o presente trabalho com o método da Análise do Discurso de tradição francesa.

O *corpus* da pesquisa é composto pelos artigos *O linguajar de Lula*, de Josué Machado, publicado na revista "Educação", em março de 2003; *Lula inventou o substantivo e adjetivo 'descuecado'*, de Fernando Jorge, na revista "Imprensa", em março de 2004; e *O linguajar de Lula*, de Gilberto de Melo Kujawski, no "O Estado de São Paulo", 17 de fevereiro de 2005; além de fragmentos textuais sobre a relação de Lula com a Língua Portuguesa vistos em Kramer (2002 e 2005), Luft (2005) e Vanetti/Monteiro (2005).

A delimitação desses recortes esclarece a opção pela linha francesa de Análise do Discurso, que considera a influência ideológica nas manifestações da linguagem e privilegia as fontes históricas, no caso arquivos de jornais e revistas. Não trataremos falas presidenciais em interação face-a-face, o que nos levaria ao modelo anglo-saxão, preocupado justamente com

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

[2] Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, integrante da base de pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia e aluno do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: cid@digizap.com.br.

essas formas mais flexíveis de discurso e voltada para a Sociologia. Nosso estudo busca respostas em textos escritos e publicados na mídia impressa.

> (...) têm-se duas "Análises do Discurso" diferentes: a Análise do Discurso de Origem Francesa, que privilegia o contato com a História, e a Análise do Discurso anglo-saxã, área bastante produtiva no Brasil, que privilegia o contato com a Sociologia. (...) o que diferencia a Análise do Discurso de origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, comumente chamada de americana, é que esta última considera a interação dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto que a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa interação do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais (MUSSALIM, 2003: 113).

Objetivamos investigar se os desvios da chamada norma culta observados nos pronunciamentos de Lula são elementos lançados ao público de maneira inconsciente ou se os "erros" gramaticais do presidente representam, na verdade, uma estratégia de manipulação ideológica que consiste na apropriação da linguagem cotidiana do cidadão comum, para produzir nele, no outro a partir do outro, a sensação de proximidade com o líder e passar, de modo geral, a imagem de que um homem do povo está no poder.

A linguagem de Lula é assunto freqüente nos veículos de comunicação brasileiros. A polêmica a respeito dos "erros" gramaticais cometidos por ele é tema de artigos, editoriais, notas de colunas, textos das seções de Língua Portuguesa e acaba repercutindo em segmentos diversos, como nas universidades. A Faculdade Cenecista Presidente Kennedy, por exemplo, lançou como tema da redação do vestibular 2003, a seguinte pergunta: "O português de Lula é ou não um mau exemplo para a Nação em sua totalidade?".

Questiona-se ainda, como o faz Kujawski (2005) e Kramer (2005), se a "linguagem tosca" de Lula não representa uma estratégia para tirar do foco da mídia e da opinião pública a falta de soluções para determinados problemas do País e a ineficácia de certas medidas. De uma coisa não há dúvida, seja qual for a hipótese – a de reprodução inconsciente do discurso historicamente constituído ou a de manipulação ideológica, por meio de recursos lingüísticos – a presença do outro é marcante na enunciação em análise.

Talvez fosse melhor tratar de outros o outro manifesto na enunciação de Lula: o ambiente da infância, a mãe, o sindicato, as lutas operárias, a ideologia do Partido dos Trabalhadores (PT). Este último, sem dúvida, é um dos outros que mais influencia o discurso dele e aparece tanto nas entrelinhas quanto expressa em chavões, a exemplo do "Companheiros e com-

panheiras", e em frases contrárias ao imperialismo, à burguesia, ao FMI, características que, aliás, vêm se modificando desde sua ascensão ao governo.

Tais mudanças discursivas remetem-nos à concepção de Mussalim (2003: 123) de que "O contexto histórico-social, então, o contexto da enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos". O mesmo vale para os famosos "deslizes" gramaticais de Lula, que não podem ser descartados numa análise da postura ideológica assumida por ele, a partir da linguagem.

Conclui-se esta argumentação introdutória recorrendo ao pensamento de Haroche e Pêcheux, mencionados em Brandão (1998: 38), para supor que as atitudes e representações explícitas no conteúdo das falas do líder petista – inclusive as "fugas" da norma culta, sejam elas propositais ou não – resultam de posturas ideológicas constituídas nas relações sociais, manifestam-se orientadas pelas conveniências contextuais e têm uma relação estreita com os conflitos de classe e com a luta pela manutenção do poder.

2. OS "ERROS" MAIS COMUNS DO PRESIDENTE

A professora Schirley Luft (2004), do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), afirma em artigo veiculado pelo Observatório da Imprensa que o Palácio do Planalto precisa rever determinadas posturas para corrigir, entre outras supostas falhas, os "erros" gramaticais e políticos cometidos pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas falas improvisadas, evitando a constante necessidade de ele se explicar publicamente e o desgaste da imagem da autoridade, tanto no Brasil quando no exterior.

> Seria bom que o Palácio do Planalto revisasse os seus conceitos a fim de evitar que o presidente tenha que retomar sucessivas vezes à arena do espetáculo, provar que ele não é Seu Creyson, ou que ele não é o professor Pasqualula, personagem criado recentemente pelo Casseta & Planeta para apontar erros de português do presidente em discursos de improviso, proferidos mundo à fora" (LUFT, 2004).

Mas, quais são esses "erros" tão graves que podem comprometer a imagem do presidente e até mesmo do País? Segundo Kujawski (2005), Lula maltrata o idioma de forma proposital "engolindo esses, violentando a sintaxe, forçando erros de concordância". Como exemplo, o autor transcreve a seguinte frase, atribuindo-a ao presidente: "A gente tem que ser gentis". De fato, os tropeços no plural e a falta de concordância são as "falhas" verificadas com maior freqüência nos pronunciamentos do presidente.

A propósito de uma das falas de Lula, observa Machado (2003): "Ele até que se saiu bem, embora às vezes devorasse o 's' de um ou outro plural ou escorregasse na concordância de algum verbo que aparecia antes do sujeito. Ou pluralizasse verbos indevidamente ('Haviam problemas sérios')". E complementa: "De fato, Lula fala a língua do povo, mais muito melhor do que a maioria do povo. Ele ultrapassa de longe a gramática baixa e elementar dominada intuitivamente por qualquer falante, mesmo os sem instrução".

Em defesa do presidente saem pessoas do porte de Fernando Jorge (2004), afirmando que a "Linguagem de Lula evoluiu" bastante nos últimos anos; Pasquale Cipro Neto (2003), advogando que há "uma ponta de preconceito" no policiamento da linguagem do ex-operário que, ao contrário do que dizem críticos e adversários políticos, expressa-se bem; e Laila Vanetti e Paulo Monteiro (2003), na mesma linha de Pasquale, dizendo que "aplicar regras de gramática à fala de um presidente é, no mínimo, impróprio".

3. O OUTRO NAS INTENÇÕES DISCURSIVAS DO PRESIDENTE LULA

O discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve ser avaliado como algo socialmente constituído dentro de circunstâncias espaço-temporais, para que, seguindo Thompson (1990), possamos compreender como, nele e a partir dele, circulam formas simbólicas. Não é à toa que a enunciação do candidato era diferente da enunciação do governante, como observa Fernando Jorge (2004): "O Lula dos dias atuais, além de se expressar numa linguagem simples e correta, não é mais o destabocado presidente do PT".

Não interessa, para o desenvolvimento deste trabalho, o discurso como estrutura fechada. A fim de demonstrarmos a presença do outro no discurso do presidente da República, devemos avaliar o enunciado além da estrutura sintática, partindo para a observação dos supostos desvios dentro dos campos de interação, considerando recursos ou capital, regras, convenções, esquemas, além das relações de poder na formação de grupos ideologicamente dominantes e dominados e da intencionalidade do enunciador.

> Um indivíduo emprega recursos, baseia-se em regras e implementa esquemas com o objetivo de produzir formas simbólicas para um receptor particular ou para um conjunto deles, e a expectativa de recepção de tais formas faz parte das condições de produção (...) Um artista pode modificar o estilo de seu trabalho tendo em vista alcançar uma determinada clientela (THOMPSON, 1999: 201).

Assim como o artista em relação à própria obra, os políticos muitas vezes modificam o discurso para conquistar a sua clientela, no caso o eleitor. Lula utiliza-se conscientemente

desse artifício como estratégia de dominação, à medida que as palavras dele são orientadas por pesquisas de opinião pública, com a ajuda de marketeiros, para atingir determinados objetivos, mesmo sabendo que o indivíduo absorve formas simbólicas ativa e criativamente, interpretando-as e transformando-as no processo de recepção.

O discurso do homem público é crivado pelas imagens do outro. Trata-se de um caminho para convencer e conquistar alguém. Vistos dessa maneira, os "erros" de Português do presidente podem ser considerados estratégias ideológicas, tanto quanto as mudanças verificadas na postura política que o levaram a adotar medidas administrativas que antes combatia. Ele se apropria da língua do povo para que o povo o veja como igual. É o que Bakhtin considera como força do interlocutor na orientação do discurso.

> Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor. (Ba khtin, 1981:113).

Kramer (2005) desconfia: "Há de haver uma explicação para o empenho do governo em geral e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em particular na consolidação do pensamento banal, da palavra tosca e do ato irrelevante como valores representativos do caráter nacional". Antes de perceber o "erro" dirigido nos discursos de Lula, Kramer (2002) questionava: "Até quando será considerado politicamente correto ignorar que o presidente eleito do Brasil comete crassos e constantes erros de Português?"

Para Kujawski (2005), comentando Kramer, "O falar errado de Lula não constitui um dado isolado e sem conseqüências. Sua 'palavra tosca' arrasta consigo o 'pensamento banal', que, por sua vez, responde pelo 'ato irrelevante'". Diz também que "As aberrações lingüísticas condicionam a banalidade do pensamento e a irrelevância dos atos de um governo sem forma nem figura de governo. Se tudo se limitasse aos erros gramaticais de Lula, seria fácil absolvê-los". E passa o autor a desvendar a intencionalidade:

> Lula fala mesmo a língua do povo? Basta falar errado para falar a língua do povo? (...) Ele não se apropria da língua popular em nenhum dos seus níveis. A fim de parecer homem do povo, o avesso da malsinada elite de grã-finos e doutores da burguesia, ele se limita a maltratar a língua (...). A necessidade, é claro, de fazer média com o povão e com o seu público in-

> terno (...). É imperioso lembrar que ele é o povo no poder (...). O povo também estropia a língua, mas com inocência. A fala estropiada de Lula é tudo, menos (menas) inocência (KUJAWSKI, 2005)

Não atentando para esse suposto uso ideológico da palavra, como instrumento de dominação, Josué Machado percebe de maneira diferente de Kramer e de Kujawski a presença do outro nas enunciações do presidente da República. Segundo ele, Lula fala realmente a linguagem do povo, de um modo inclusive mais aprimorado do que a maioria das pessoas, porque assim determinaram as condições socioeconômicas em que ele se inseriu ao longo da vida, do pouco estudo formal e, principalmente, da pouca leitura.

> As poucas críticas públicas ao suposto despreparo de Lula para governar se concentraram no fato de ele não ter aproveitado seu tempo de candidato para estudar formalmente (...). Lula pouco estudou formalmente, mas, como milhares de outras pessoas em situação semelhante, "subiu" na vida. E subiu, todos viram, à custa de persistência, de algum carisma, de certa capacidade inata de liderança e de muita conversa. Bastou a língua que ele sabe, portanto (MACHADO, 2004).

A posição de Machado parece-nos ingênua, por desconsiderar a intencionalidade na apreensão da linguagem do povo – a do outro – por parte de Lula, um homem que há anos pauta os seus gestos públicos de acordo com as orientações do marketing político, este que, por sua vez, segue indicações das pesquisas de opinião pública. Conforme Thompson (1990: 212), "Para entender a constituição significativa das formas simbólicas, devemos examinar seus aspectos intencional, convencional, estrutural e referencial".

Na ótica do jornalista Fernando Jorge (2004), Lula evoluiu do ponto de vista gramatical e o discurso dele se adequou ao momento político brasileiro. Esse tipo de mudança, de acordo com Jorge, é um fenômeno natural entre os políticos brasileiros. "A Língua Portuguesa, na boca dos nossos políticos, adquire várias gradações", afirma. No caso do presidente, a linguagem teria perdido o tom agressivo, ganhando um estilo humorístico e galhofeiro: "Deixou de xingar, está cuidando mais da sua linguagem e de outras coisas".

Um ponto no texto de Jorge reforça a tese de manipulação lingüística. Ele afirma que Lula domina o Português, o mesmo idioma em que comete tantos "erros". Diz Jorge: "Entrevistei Lula no dia 3 de abril de 1996 (...). Pude ver naquele dia este fato curioso: Lula, no decorrer do nosso encontro, soube utilizar-se naturalmente da 'língua padrão', empregada pelas pessoas mais cultas". Quatro parágrafos antes, Jorge assegura: "Aqui entre nós, o povo se identifica com essa linguagem" cheia de imagens usada pelo presidente.

4. CONCLUSÃO

Analisando os argumentos dos autores selecionados, concluímos que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva utiliza-se da linguagem como instrumento de marketing político – como estratégia de dominação ideológica – revestindo intencionalmente as suas próprias enunciações com as palavras cotidianas do cidadão comum, na tentativa de produzir no imaginário popular, numa paródia de George Orwell, a falsa imagem de que todos os outros são iguais e de nublar a (in)consciência de que alguns outros são bem mais iguais.

E isso independe da resposta à questão de Lula saber ou não falar "corretamente" a Língua Portuguesa. Se ele transgride regras do idioma por ignorar os ditames da gramática ou se conhece as normas e as quebra de modo deliberado, há por trás do seu comportamento lingüístico uma intencionalidade. No dia em que as pesquisas apontarem que os "erros" gramaticais passaram a desgastar a imagem do presidente, os marketeiros do Palácio do Planalto mudarão as palavras de Lula, como mudaram as roupas e os óculos dele.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CIPRO NETO, Pasquale. **Nossa Língua Portuguesa**. Revista Educação, São Paulo, março/2003.

FACULDADE CENECISTA PRESIDENTE KENNEDY (2003). **Gabarito do vestibular de inverno**. Campo Largo-PR. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 2/3/2005.

KRAMER, Dora. **Pacíficos, macios e dissimulados**. Jornal "Estado de São Paulo", São Paulo, 9/11/2002, Nacional, p. A-6.

KRAMER, Dora. **Em nome da lei do pior esforço**. Jornal "Estado de São Paulo", São Paulo, 26/1/2005, Nacional, p. A-6.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. **O linguajar de Lula**. Jornal "Estado de São Paulo", São Paulo, 17/2/2005, Espaço Aberto, p. A-2.

LUFT, Schirley. **Caso Lula vs. NYTIMES – o baixo preço da auto-estima**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 2/3/2005.

MACHADO, Josué. **Lula e a língua do povo**. Revista Educação, São Paulo, março/2003. Disponível em: < http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/marco03/lingua.htm>. Acesso em: 2/3/2005.

MUSSALIN, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIN, Fernanda e BEMTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Lingüística** – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VANETTI, Laila & MONTEIRO, Paulo. **Com a palavra, o presidente.** Disponível em: <www.scritta**o**nline.c**o**m.br/artig**o**001.asp>. Acesso em: 2/3/2005.